

Freud e a Metapsicologia

Freud and Metapsychology

*Danilo Marcondes**

Resumo

A discussão sobre metapsicologia é central no pensamento freudiano e percorre sua obra, mas este conceito está longe de ser claro. Exploraremos nesse artigo alguns de seus sentidos mais centrais e de suas implicações para a teoria psicanalítica e para a metodologia da psicanálise.

Palavras-chave: Teoria psicanalítica. Metapsicologia. Questões metodológicas.

Abstract

The discussion on metapsychology is central to Freud's thinking and runs through his work, but this concept is far from being clear. In this article we will explore some of its most central meanings and their implications for psychoanalytic theory and the methodology of psychoanalysis.

Keywords: *Psychoanalytic theory. Metapsychology. Methodological issues.*

* Doutor em Filosofia. Professor de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro Associado em Formação no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. danilosouzaafilho@gmail.com

Sabemos tão pouco.
(FREUD, *Minha vida e a psicanálise*)

A reflexão metapsicológica é um dos aspectos mais importantes da obra de Freud. Além dos textos explicitamente de caráter metapsicológico, publicados principalmente no período de 1915-1917, é importante reconhecer que essa reflexão percorre toda a obra de Freud na medida em que este reexamina seu próprio pensamento constantemente e as várias fases de sua obra revelam esse processo permanente de reavaliação e de reformulação de sua metodologia e de seus conceitos fundamentais, com base em sua experiência clínica e em discussões com seus interlocutores.

Mas, o que significa “metapsicologia”? Se é que podemos determinar uma definição precisa desse conceito nos vários usos que adquire na obra de Freud assim como nas reflexões de caráter metodológico que Freud empreende.

Essa questão inicial me parece de crucial importância, mesmo que o conceito permaneça de certa forma empregado em um sentido amplo na obra de Freud. Podemos tentar entendê-lo a partir do uso da expressão “meta”, empregada com frequência como prefixo, dada sua origem grega, indicando “além de”, “posterior a”, ou mesmo “superação”. A origem, em sentido mais teórico e também histórico, parece ser a célebre *Metafísica* de Aristóteles, embora o título tenha sido posterior (Aristóteles usa o termo “*protéphilosophia*”, ou seja, filosofia primeira). Isso é geralmente interpretado como se referindo ao fato de que a temática desse texto que trata de primeiros princípios e conceitos gerais, além de conter uma reflexão sobre a natureza da própria filosofia, vai além dos temas tratados anteriormente no tratado da *Física* em que Aristóteles examina as leis do mundo natural (a *physis*) e discute a relação entre a filosofia e a ciência (no caso, *episteme*). Nesse sentido de “reflexão sobre a própria filosofia” e sobre seus conceitos-chave podemos aproximá-la da metapsicologia freudiana que tem papel semelhante.

Segundo Laplanche e Pontalis (1987/2007) o termo “metapsicologia” designa a dimensão mais teórica e conceitual da teoria psicanalítica. O texto considerado o primeiro em que Freud usa o termo parece ser a carta a Fliess de 13 de fevereiro de 1896 quando diz “a psicologia, ou melhor, a metapsicologia me preocupa incessantemente”. Freud chega a dizer na *Psicopatologia da vida cotidiana* que “devemos fazer de tudo para converter a metafísica em metapsicologia”. A metapsicologia seria assim a instância teórico-especulativa da psicanálise ou, melhor dizendo, do fazer psicanalítico. É significativo que em

várias apresentações de seus casos clínicos como no *homem dos lobos* e no *homem dos ratos* especificamente, com frequência Freud se refira ao que ocorre na sessão de terapia, respondendo no caso do *homem dos lobos* a algumas questões do próprio paciente. A reflexão metapsicológica emerge também do próprio processo terapêutico.

Nesse sentido podemos lançar mão da distinção entre *conceitos operativos*, ou *operatórios*, e *conceitos temáticos*, introduzida pelo filósofo alemão Eugen Fink (1957) em suas reflexões hermenêuticas. “Conceitos temáticos” são caracteristicamente metateóricos na medida em que visam precisamente tematizar os conceitos operatórios, ou seja, defini-los, esclarecê-los, examinar seu funcionamento, seu modo de operar. “Conceitos operatórios” são, por sua vez os conceitos efetivamente empregados pela teoria nas análises que realiza, em seus objetivos práticos, sua função analítica. Os conceitos temáticos corresponderiam ao que Freud denomina *Grundbegriffe*, ou seja, “conceitos fundamentais”.

A concepção de metateoria é, portanto, central para o desenvolvimento do que poderíamos considerar um exame da metodologia da psicanálise em suas várias fases e no que podemos entender como uma *epistemologia da psicanálise*. Isso significa a consideração sobre que tipo de conhecimento é a psicanálise. Que diferenças se podem estabelecer entre a psicanálise como ciência e a psicanálise como terapia e como ambas se relacionam? Qual a metodologia, ou metodologias, da psicanálise, ou seja, seus procedimentos teóricos e práticos? Como se caracteriza o procedimento psicanalítico enquanto tal? Qual é (ou quais são) o(s) objeto(s) da psicanálise: o inconsciente, o sintoma? Qual a relação da terapia psicanalítica com essas questões? E qual a relação da psicanálise com seu contexto, com a cultura de sua época?, devendo-se para isso considerar os diferentes momentos históricos e sociais desse contexto. O próprio desenvolvimento da psicanálise, por exemplo, a passagem da primeira para a segunda tópica, é uma questão central nesse sentido metapsicológico, ou seja, da metateoria da psicanálise.

Penso aqui apenas na teoria (e igualmente na clínica, ou seja, nos relatos de casos clínicos) psicanalítica freudiana. Mas, é pertinente um exame da psicanálise desenvolvida por outros psicanalistas, inclusive alguns bastante próximos de Freud como Sandor Ferenczi, além do processo de institucionalização da psicanálise desde a fundação da Sociedade Internacional de Psicanálise (1910), a IPA, presidida por C. G. Jung. A história das dissidências na instituição, por si só consiste em uma grande questão. Autores como Melanie Klein e Winnicott, por sua vez, desenvolveram a psicanálise em novas direções. Jac-

ques Lacan, talvez o psicanalista mais influente depois de Freud, propõe ao mesmo tempo uma volta a Freud e uma reinterpretação de seu pensamento.

O caráter interdisciplinar da psicanálise também emerge dessas reflexões, desde sua origem na medicina, sobretudo na neurologia, até as análises de Freud que partem da antropologia como *Totem e tabu* (1913).

Tudo isso pode ser considerado como estando nos horizontes de uma discussão metapsicológica, porém, é claro, em um sentido bastante amplo, talvez excessivamente amplo – e, pode-se dizer, quase impossível de se abarcar em sua totalidade. Autores recentes como Moustapha Safouan (2013) deram contribuição importante nessa direção em um texto ao mesmo tempo abrangente, mas sem perder o rigor e a originalidade da análise. Esse texto tem sido uma referência central em minhas leituras pela forma como trabalha a articulação entre a clínica e a teoria.

A leitura de uma seleção de textos de Freud e dos comentários de Gilberto Gomes em *A metapsicologia de Freud* (2017), aponta para uma série de textos que podem ser caracterizados como tendo caráter metapsicológico e que vão além dos textos de 1915-1917 denominados explicitamente como “metapsicologia”. Podemos considerar inicialmente o *Projeto (Entwurf) de uma psicologia científica* de 1895, publicado postumamente, como ponto de partida desse tipo de reflexão, pela própria proposta do texto em que a questão da ciência está presente. Realmente, de que tipo de ciência se trata no caso da psicanálise, é um tema central de discussão. Freud sempre insistiu em que se tratava de uma “ciência natural”, uma *Naturwissenschaft*, inclusive dada sua origem na biologia, embora certamente no seu desenvolvimento tenha incorporado muitas das ciências humanas e sociais como a antropologia, e recorrido com muita frequência à literatura.

O célebre capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900) contém talvez uma das principais formulações iniciais de caráter metapsicológico. Outros textos igualmente relevantes são *Para além do princípio do prazer* (1920), *O eu e o isso (Das Ich und das Es)*, (1923) e um de seus últimos textos o *Abriss der Psychoanalyse* (1938/1940). Vemos assim como a preocupação com reflexões metapsicológicas percorre toda a obra de Freud, dos primeiros textos aos últimos.

No texto citado (cap.VII, *A interpretação dos sonhos*), já na seção A, Freud começa por considerar uma objeção ao método de interpretação dos sonhos quanto ao acesso que podemos ter ao conteúdo dos sonhos, “sonhamos mais do que lembramos”, diz Freud; além disso, nossa memória pode falsear o que sonhamos. Freud argumenta, contudo, que as próprias distorções são relevan-

tes do ponto de vista da análise, “são os pontos de partida da análise”. Toda a seção *A* contém nesse sentido importantes reflexões metodológicas sobre a interpretação dos sonhos. Prossegue na seção *B* a uma descrição do aparelho psíquico, baseada nos casos de sonhos interpretados anteriormente, apresentando ilustrações através de três diagramas sobre o papel da memória e, sobretudo o terceiro sobre a relação entre memória, inconsciente e pré-consciente (*Pcs*). Freud distingue diferentes aspectos dos sonhos em seguida e examina a relação entre o sonho, a vigília e o despertar. Na seção *E* encontramos sua famosa afirmação de que “a interpretação dos sonhos é a *via regia* para o conhecimento do elemento inconsciente em nossa vida psíquica”. Impossível resumir aqui o cap.VII, indico apenas sua relevância para a discussão metapsicológica, talvez pela primeira vez na obra de Freud de forma tão extensa e elaborada. Essas reflexões são retomadas na parte II sobre os sonhos da *Introdução à psicanálise* de 1915-1917. É especialmente relevante a seção (ou conferência) *XV*, significativamente intitulada “Dúvidas e observações críticas”, mas que conclui, após o exame das dúvidas e críticas, com uma decisiva afirmação da importância do método de interpretação dos sonhos para a psicanálise.

O capítulo VII de *O inconsciente* (1915) é igualmente relevante nesse sentido da reflexão metapsicológica, retomando a questão dos sonhos inicialmente, mas prosseguindo para uma discussão sobre a esquizofrenia. Ao final desse texto, Freud se refere inclusive à parte final da seção VII de *A interpretação dos sonhos*, retomando aqui algumas de suas ideias.

Na *Introdução à metapsicologia freudiana I* (1993) Luiz Alfredo Garcia Roza, chama a atenção para a “cozinha da bruxa”, retomando a imagem de Freud sobre “a bruxa metapsicologia”:

“Então, agora a bruxa precisa entrar em ação. É a bruxa chamada Metapsicologia. Sem especulação metapsicológica e sem teorização – quase diria, sem fantasiar [*Phantasieren*] – não avançamos um passo sequer” (FREUD, 1937, *Análise finita e infinita*).

Freud se refere à bruxa que se encontra no *Fausto* de Goethe (I, 6) e é na cozinha da bruxa que Fausto realiza seu pacto com Mefistófeles, pacto que lhe dá seus poderes e mesmo sua potência. Ao afirmar que “sem isso não avançamos”, Freud parece indicar que a psicanálise se encontra em constante reavaliação e que o fio condutor das mudanças que ocorreram nesse processo é, em grande parte, consequência de reflexões metapsicológicas, que revelam então a potência da psicanálise como ciência e como terapia.

É interessante, por sua vez, a relação que Freud estabelece na passagem citada entre a teorização e o fantasiar, como se o lado especulativo da reflexão tivesse mesmo um aspecto de fantasia, por exemplo na interpretação dos sonhos que parece então ir além do estritamente científico em direção a interpretação quase como uma arte, uma hermenêutica.

Exatamente nesse sentido, Paul Ricoeur, um dos grandes expoentes da tradição hermenêutica na filosofia contemporânea, em sua obra *De l'interprétation, essai sur Freud* (1965) introduz a influente caracterização de Freud como um dos “mestres da suspeita”. Ricoeur ressalta, sobretudo, a importância do questionamento que Freud permite trazer à noção filosófica de consciência como núcleo da subjetividade na tradição racionalista ao trabalhar o inconsciente sobretudo na interpretação dos sonhos, mostrando os mecanismos dos sonhos como o deslocamento e a condensação assim como os processos simbólicos pelos quais os sonhos são elaborados e que trazem importantes chaves interpretativas, não só para a literatura, mas para as artes em geral. Freud desloca assim a consciência do centro da subjetividade e levará a filosofia a rediscutir esses conceitos-chave.

Da mesma maneira, a metapsicologia freudiana pode ser vista também como trazendo contribuição inovadora e crítica para a filosofia do ponto de vista metodológico e epistemológico, sobretudo de uma filosofia que ao longo do século XIX se aproximou talvez excessivamente do paradigma científico significativamente através da influência do Positivismo Lógico do Círculo de Viena. Sabemos que apesar das divergências de visão, alguns membros do Círculo de Viena tiveram contato pessoal com discípulos de Freud, de quem eram admiradores e um desses membros, Gustav Bergmann, por exemplo, foi ligado a Anna Freud e foi psicanalisado (ver Wilson). O próprio Bergmann chegou a discutir questões relacionadas à cientificidade da psicanálise.

Considero o estudo da metapsicologia um dos mais importantes que se pode fazer durante a formação psicanalítica, uma vez que permite uma visão integrada da obra na medida em que as considerações metapsicológicas estão na base da discussão sobre a cientificidade da psicanálise, da transição da influência da neurobiologia para as ciências humanas e sociais, da passagem da primeira para a segunda tópica e sobretudo da relação entre a teoria e a prática, ou clínica, permitindo assim a articulação entre todas essas questões.

Tramitação

Recebido 29/06/2022

Aprovado 01/07/2022

Referências

- FINK, E. Concepts thématiques et concepts opératoires. *L'Herminéutique*. Cahiers de Royaumont, Paris: Seuil, 1957.
- FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1915-1917.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Metapsicologia freudiana, I, II, III*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- GOMES, G. *A metapsicologia de Freud*. São Paulo: Zagadoni, 2017.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (1987). *Vocabulaire de psychanalyse*. 5. ed. Paris: Quadrige, 2007.
- RICOEUR, P. *De l'interpretation*. Paris: Seuil, 1965.
- SAFOUAN, M. *La Psychanalyse – Science, Thérapie et Cause*. Paris: Thierry Marchaise, 2013.
- VORSATZ, I. Freud e a ciência da literatura: psicanálise, ciência e poesia, *Tempo Psicanalítico*, 51, 1, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000100008>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- WILSON, F. The Vienna Circle and Freud. Disponível em: <<http://www2.unipr.it/~huewol48/wilson.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2022.